

## Vantagens competitivas da mídia impressa

Qual será o futuro da mídia impressa, diante da concorrência da mídia eletrônica? Especialmente o livro, que é um verdadeiro ícone nessa discussão, como suas versões impressas vão enfrentar os *e-books*?

Infelizmente ninguém tem bola de cristal e o *Google*, pelo menos até agora, não permite pesquisarmos o futuro. Sendo assim, só nos resta mesmo dar e ouvir opiniões e essas variam, desde o otimismo mais exacerbado até o catastrofismo fatal. Eu estou entre os otimistas, com base nos argumentos a seguir.

**Ao longo da história tem sido muito raro que uma mídia realmente importante desapareça.** Apesar dos vários anúncios das suas mortes, o rádio sobreviveu à televisão; o cinema sobreviveu à televisão e ao dvd; o cd e o dvd vêm sobrevivendo, pelo menos por enquanto, à internet. Há casos impressionantes. O obsoleto e nada prático disco de vinil tem compradores fiéis e não se trata de itens de colecionador – há muitos lançamentos novos! Parece que muitos amantes da música preferem o som dessas mídias e chegam a pagar até R\$ 60.000,00 por um toca discos de moderníssima tecnologia. Quem duvida visite as boas casas do ramo. Até as fitas cassete, ainda mais obsoletas, têm mercado! Assim, se todas essas mídias permanecem, porque a mídia impressa - tão prática, tão barata, tão acessível, tão incorporada a todas às culturas e, ainda mais, **tão ecologicamente sustentável** - desapareceria, sufocada pelas novas tecnologias? Aliás, a primeira mídia, pré-histórica ainda, era constituída pelas paredes das cavernas. Quando vejo grafites e pichações espalhadas pela cidade, ousou dizer quem nem mesmo essa desapareceu...

**As mídias tendem a convergir.** Não há verdadeiramente razão para abrir-se mão de mídias que vêm se mostrando eficazes. É mais sensato supor que elas sigam coexistindo e, mais importante, interagindo. Campanhas publicitárias que utilizam múltiplos canais de comunicação têm, comprovadamente, melhores resultados.

**Há enormes mercados potenciais para mídia impressa nos países emergentes.** Jornais impressos são alguns dos artigos mais ameaçados pela internet. No entanto, em várias economias emergentes, inclusive no Brasil, as tiragens não param de crescer. Como explicar isso? Nos países plenamente desenvolvidos as populações não crescem, praticamente todos são alfabetizados e já incorporaram o hábito cotidiano da leitura. Nas economias emergentes, no entanto, milhões de pessoas ainda não consomem nenhum produto editorial. Segundo a pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil” (Instituto Pró-Livro/Ibop), realizada em 2007:

- 35% dos brasileiros gostam de usar seu tempo livre lendo livros, 77% vendo TV;
- 25 livros é a média por residência;
- 45% são “não leitores” (cerca de 85 milhões de pessoas se aplicarmos esse percentual à população atual);
- 1,2 é a média de livros comprados por pessoa, por ano;
- 4,7 livros são lidos por pessoa, por ano.

Conclusão: nos países em desenvolvimento há um imenso mercado para o crescimento da indústria de comunicação – eletrônica e impressa. Penso que, na medida em que essas populações alcançarem níveis mais elevados de educação e de poder aquisitivo, vai haver crescimento de todas as mídias, inclusive da “tradicional” mídia impressa.

**O e-book ainda é caro.** Para adquirir um e-book é necessário pagar um preço que deve remunerar o autor, o editor, o marketing etc. Sem dúvida, ausência dos custos de matéria prima, de distribuição e de estocagem, que normalmente são muito altos, tendem a baratear o livro eletrônico. Serviços gráficos costumam ser responsáveis por uma fração muito pequena do preço do livro impresso – algo em torno de 10%. No entanto, por mais barato que venham a ser os *e-books*, eles precisam de dispositivos para serem lidos e esses são caros. Tais equipamentos podem ser baseados em tecnologia *e-ink* (Kindle, por exemplo) que dão excelentes imagens mas, pelo menos até agora, em branco e preto. Assim, não servem para navegação na internet. *Tablets*, como o iPad, usam telas de LCD e dão belas imagens coloridas, que tornam atrativa a navegação, mas são ruins de leitura em comparação com o papel. Acredito que as compras desses dispositivos estão assim direcionadas:

**Dispositivos baseados em e-ink** - leitura de livros e jornais. Considerando a quantidade de livros que o brasileiro médio lê por ano, certamente sairia muito caro para ele comprar um equipamento desses. Seria mais barato comprar as edições impressas. Lembremos que esses equipamentos tornam-se obsoletos com muita rapidez e o seu usuário acaba sendo motivado a trocá-los, talvez com a mesma rapidez com que troca celulares e computadores.

**Dispositivos baseados em LCD** - navegação na internet, leitura de jornais e revistas e, ocasionalmente, leitura de livros. Nesse caso o investimento inicial do dispositivo seria mais compensador, dada sua multifuncionalidade.

**Mídia impressa é ecologicamente sustentável.** As atividades da indústria gráfica são vistas, pelo público leigo, como promotoras do desmatamento. O fato é que 100% do papel fabricado a partir de celulose brasileira provém de florestas plantadas. Assim, não é verdade que o consumo de papel contribua, necessariamente, para o desmatamento. Pelo contrário, quanto maior o consumo de papel, mais árvores serão plantadas para atender ao crescimento da demanda. Mesmo países que fabricam celulose a partir de matas nativas o fazem de forma sustentável. A Finlândia, por exemplo, tem mais florestas hoje do que tinha há 50 anos.

É claro que a impressão tem um impacto ambiental importante e que é necessário reduzi-lo ao máximo. No entanto, os danos ambientais das culturas de pinus e eucalipto – destinadas à fabricação de papel - devem ser avaliados a partir da mesma abordagem usada com relação a outras monoculturas, tais como as de soja, cana de açúcar, milho ou algodão, por exemplo. Não podemos esquecer, também, que o plantio para produção de celulose ajuda a reduzir o efeito estufa, uma vez que as árvores retiram da atmosfera o carbono necessário para seu crescimento.

Computadores, celulares, *tablets*, *e-readers*, TVs, DVDs, CDs etc., também implicam num impacto ambiental significativo. Será que essas opções são mais “verdes” que a mídia impressa, como muitos crêem? Esses dispositivos deixam uma pesada pegada de CO<sub>2</sub> na sua fabricação, consomem energia para seu funcionamento, deixam resíduos que são muito prejudiciais ao meio ambiente e não são bio-degradáveis. Segundo cálculos do instituto Carbon 4, encomendados pela editora francesa Hachette Livre, um *tablet* somente torna-se ecologicamente compensador se for usado para a leitura de 80 livros – por ano!

**Mídia impressa pode propiciar melhor leitura.** Até agora a qualidade de textos e imagens impressas continua insuperável em comparação com a das mídias eletrônicas. As desvantagens da informação impressa parecem ser a demora na sua atualização, a impossibilidade de navegar para informações complementares (hipertexto) e ausência de animação. No entanto, tudo isso pode ser mais adequado para uma leitura atenta e concentrada. Recursos de hipertexto e animação podem distrair a atenção e desviar o foco do leitor. A mídia impressa tem (por enquanto, pelo menos) a vantagem dos formatos. Por uma questão de preço e de portabilidade, as telas dos *tablets* e *e-readers* são relativamente pequenas. A mídia impressa pode aproveitar a abundância de espaço para oferecer imagens mais impactantes e textos mais bem diagramados tornando a leitura muito mais agradável e confortável. Nas telas das mídias eletrônicas a falta de espaço torna difícil estabelecer hierarquias visuais que ajudem o leitor a decodificar a informação.

Não me resta dúvida, no entanto, que as novas mídias já começam a concorrer fortemente com os impressos e que a gráfica vai ter que responder a isso. Como? Sendo mais eficiente, mais barata, mais rápida, ainda mais amigável ao meio ambiente, agregando mais valor aos impressos etc. – essa receita vem sendo repetida à exaustão e seria sempre útil, mesmo que a tal concorrência não existisse.

Manoel Manteigas de Oliveira  
Diretor da Escola SENAI Theobaldo De Nigris  
Diretor técnico da ABTG